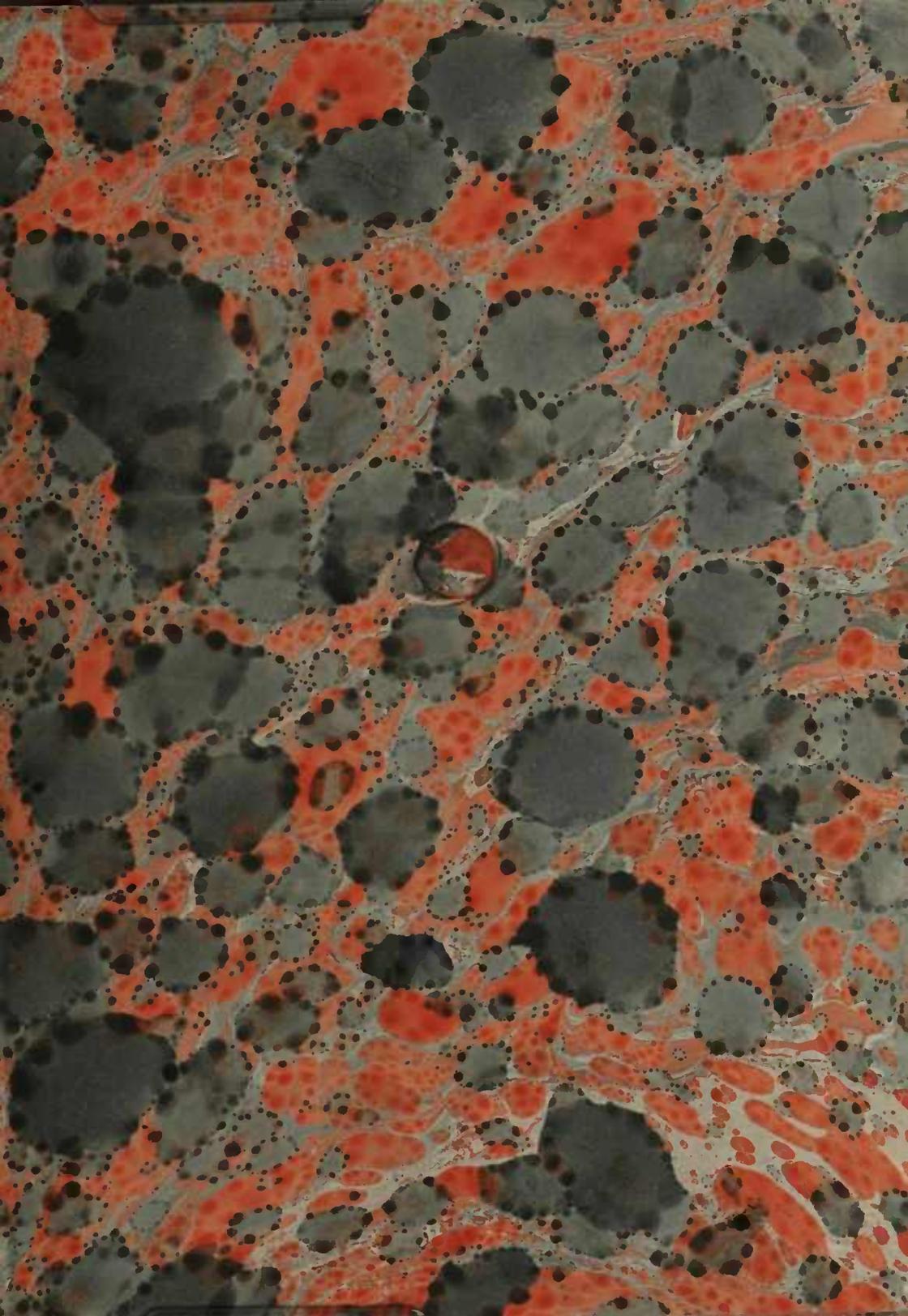


EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES



HEROIDA
THESEO A ARIADNA.



INconstante Ariadna ambiciosa,
Que, por cubrir a fea aleivosia,
Depois de ser perjura, es a queixosa.
Essas asperas queixas, que me envia
Teu falso coração, formosa ingrata,
Já não são como as queixas d'algun dia.
Tudo a fiel memoria me retrata.
Fui a tua Esperança, o teu Conforto:
Agora sou o Roubador, Pirata.
Quizera o Ceo que me chorassem morto,
(Por não sentir as penas, que hoje finto)
Antes de ver da infauſta Creta o porto.
Achei de sangue humano farto, e tinto
Homem, e Touro o Monstro, que espalhava
Morte, e terror no cego Labyrintho.

Vi lançar-se da torre, que habitava,
 O Artifice engenhoso; e como aos ares
 Sobre as azas de cêra se entregava.
 Filho infeliz, que dêste o nome aos mares,
 Quanto inveja Theseo a tua forte,
 Depois de ter chegado aos patrios Lares!
 Temeste (eu não o nego) a minha morte,
 Mudavel Ariadna! o laço estreito
 De hum novo, e puro amor julguei mais forte.
 Da tua bella mão o fio aceito,
 Que me serve de guia: encontro, e luto
 C'ó formidavel Monstro peito a peito.
 Livrei a Patria do fatal tributo;
 Mas o premio maior desta victoria
 Era gozar do nosso amor o fruto.
 Que breve, oh Deoses, foi a minha gloria!
 Já sobre a Náo Cecropida nos vemos,
 E eu me julgo feliz: doce memoria!
 Reina a calma no mar; e nos perdemos
 De vista a Creta: geme felizmente,
 E escuma o sal batido por cem remos.

Qua-

Quatro vezes da Noite descontente

Rafgou a branca Aurora o véo sombrio,
Abrindo as aureas portas do Oriente.

Quando vimos o bosque, e a foz do rio
Alegre, e focegado, os Marinheiros
Conhecêram de longe a verde Chio.

Pizámos logo os montes, e os outeiros,
Offerecendo aos Deoses tutelares

Huma branca novilha, e dous cordeiros.

No bosque inda fumavam os altares:

Tu dormias: as nuvens se amontoam,
E principiam a engrossar-se os mares.

Corro a firmar as ancoras: já soam

Das ondas os rochedos açoitados,

E os ventos, e os trovões o Mundo atroam.

Faltou a amarra: a meu pezar os Fados

(Que tristíffimos Fados!) me leváram

C'o as negras tempestades conjurados.

Sabe o Ceo que fadigas me custáram

Então as tuas lagrimas, e penas,

Que as minhas cá de longe acompanháram.

Sem leme já, sem mastro, e sem antenas,
Vão ludibrio dos mares, e dos ventos
As tristes praias avistei de Athenas.

Ariadna occupou meus pensamentos:

Meu coração a teve sempre á vista

Para mais avivar os meus tormentos.

Que fruto logras de huma tal conquista,

Theseo amante, filho sem ventura?

Quem haverá que a tanta dor resista!

O velho Egeo, que os Immortaes conjura

Por ver alegre o fim dos meus perigos,

Teve no mar funesta sepultura.

Entre applausos da Patria, e dos Amigos

O triste coração suspira, e sente

O puro amor, e seus farpões antigos.

Por dar-te hum novo Reino impaciente,

Espero que, depondo furor tanto,

Neptuno aplane as aguas c'ò tridente.

Duas Náos tenho promptas; mas em tanto

Espalha a Fama por diversas partes,

Que o moço Bacho te enxugara o pranto.

Que

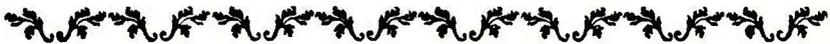
Que ambiciosa ao ver os estendartes
 Do alegre Indiano , e seus cabellos louros ,
 Facil com elle o meu amor repartes.
 Se Reino , ou Fama , ou Gloria entre os vindouros
 Busca a tua ambição n'hum Ser divino ,
 Eu sou Theseo : Athenas tem thesouros.
 Egeo fahio do Reino Neptunino :
 Na fatidica Náo aventureiro
 Eu vi o rosto irado ao Ponto Euxino.
 Não foi Jason , nem Hercules primeiro
 Combater c'os Dragões ... tu suspiraste ,
 Vendo encher o meu nome o Mundo inteiro.
 Inda me lembra o dia , que apertaste
 C'o a minha a tua mão : dos nossos laços
 Por testemunha o mesmo Ceo chamaсте.
 Tu não viste correr longos espaços ,
 Que desculpam o frio esquecimento ;
 E chego a ver-te alhea n'outros braços ?
 He esta a fé devida ao juramento ?
 Responde ingrata , desleal , mais dura
 Do que a rocha , e mais vária do que o vento.

Sa-

Saiam do feio da lagôa escura ,
Que o mesmo Jove de offender recea ,
Negras Furias , que o meu temor conjura.
Empunhe a ingrata o tyrso , e sobre a arêa
D'huma praia deserta os Tigres dome ,
Com que o seu novo amante se recrea.
Com tanto que o amor , que me consome ,
Em odio se converta . . . ah que eu deliro ,
E não posso esquecer-me do seu nome !
Ventos , que me obrigastes ao retiro ,
Levai minha ternissima faudade ;
Conheça embora a ingrata que eu suspiro.
Possam servir de exemplo em toda a idade
Os nossos nomes , despertando a historia
Do meu amor , da tua variedade.
Sirva este meu tormento á tua gloria :
Pague eu embora a culpa do meu Fado ;
E roube-me das mãos outro a victoria.
Porque não fui do Monstro devorado !
A minha desventura me guardava ,
Porque fosse depois mais desgraçado .

Fron-

Frondosos arvoredos, onde estava
Ariadna cruel, quando dormia,
E a meu pezar a onda me levava:
Vós amarellas flores, tu sombria,
Musgosa gruta, onde a infiel descança,
Mostrai-lhe a minha Imagem, noite, e dia.
Eu era o seu amor, sua esperança,
O ultimo . . . o primeiro . . . ó Ceos! perjura!
Quanto me custa esta cruel lembrança!
Não ha mais que esperar da forte dura.
Voai Remorsos a vingar-me: ao menos
Rodeai-a no seio da ventura,
E turbai os seus dias mais serenos.

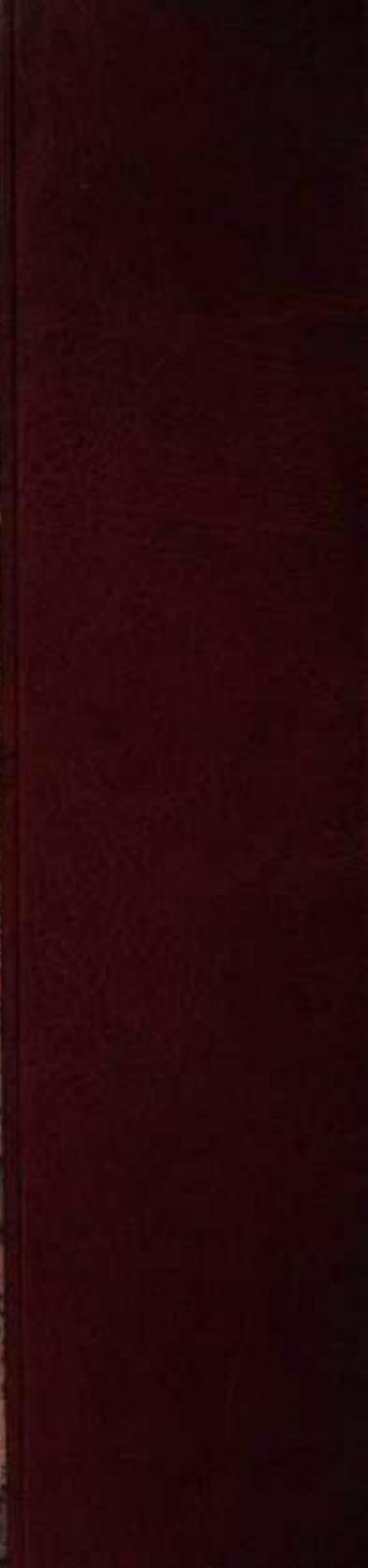


L I S B O A

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXIV.

Com Licença da Real Meza Censoria.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).